

Paulo N. Batista



DESAFIO

DE

João Fava (sertanejo)
com
Juca Baiacú (praieiro)

Crs 3,00



PAULO NUNES BATISTA

DESAFIO
DE

JOÃO FAVA (Camponês)

COM

JUCA BAIACU (Praeiro)

Camponês: — Vida bôa é a do sertão.

Praeiro: — Eu prefiro a beira-mar.

Quem gosta de cantoria
que preste toda a atenção
para ouvir a narrativa
desta grande discussão
entre um cantador da praia
e um poeta do sertão.

Todos dois são glosadores
e poetas repentistas:
um, defende os camponeses,
o outro, elogia os praistas.
Esta é a peleja de
dois cabras machos nortistas.

Travou-se este desafio
em uma manhã de abril
na Praia de Tambaú,
debaixo de um céu de anil.
Foi esta a maior porfia
que já se ouviu no Brasil.

Encontraram-se na casa
de Agrícola Figueiredo,
um moço muito animado,
danado por um brinquedo:
Baiaçu falou com Fava
— nenhum dos dois teve medo.

P. 286

Q. 18

*Do mar pra
o sertão,
e pra
o mar!*

Entre Baiacu e Fava
fizeram a apresentação.

Fava disse a Baiacu
quando apertou dele a mão:

— Sou sertanejo, colega,
e vida boa é a do sertão.

Baiacu disse: — O amigo
andava a me procurar...

Eu também tinha vontade
de com o senhor me encontrar.

Goste lá do seu sertão
que eu prefiro a beira-mar.

Logo afinaram as violas:
cada um sentou num banco.

Agrícola trouxe a bebida
mostrando ser moço franco.

João Fava cantou na frente.
Foi este o primeiro arranco.

Fava: — Meus amigos, com licença
para João Fava cantar.

Desejo Paz e saúde
a todos deste lugar.

Se Baiacu tem coragem
se apronte pra me enfrentar.

Baiacu: — Peço a todos os presentes
pra me darem permissão

de cantar alguns repentés
com um cantador do sertão.

João Fava, não tenho medo
da sua improvisação.

F: — Gostei da disposição
com que o amigo aparece.

Pelo afinar da viola
um cantador se conhece.

Mas quero ver, Baiacu,
se a fama que tem, merece.

B: — João Fava, você se esquece
que quem tem fama é o senhor...
Quero tirar isso a limpo,
mostre o grau do seu valor.
No fim se sabe dos dois
qual é o melhor cantador.

F: — Canto porque tenho amor
à questão de cantoria;
porque gosto do repente
— nasci pra fazer poesia.
Veremos qual de nós dois
pra cantar tem mais valia.

B: — Eu nunca temi porfia,
não digo por pabulagem,
mas para cantar repente
jamais me faltou coragem.
Descanfia do cantor
que conta muita vantagem.

F: — Fiz uma longa viagem
de Campina à capital
por ter ouvido dizer
que o senhor não canta mal,
e eu nesse assunto, colega,
estou pra achar um rival.

B: — Repare, meu pessoal,
que Fava é cantor goteira;
grande é Severino Pinto,
grande é Lourival Bandeira
— e não vivem se gloriando
e nem andam dizendo asneira.

F: — Nem Romano do Teixeira.
Gulino do Sabugí;
nem Pirauá, nem Carneiro;
Zé Duda, que eu conheci:
nunca me fizeram medo
— como vou temer a ti!

B: — Fonseca, do Piauí,
Antonio do Algodão,
como Lourival Batista
e Dimas, que é seu irmão:
esses podem e não se gabam
— deixa de pabulação.

F: — Zé Pretinho e Azulão,
João Melquiades, Nogueira,
"seu" Germano da Lagôa,
Caetano e Cabeceira
— não suportavam o meu peso
cantando uma gemedeira.

B: — Isso é que é dizer besteira!
Meu Deus, que barbaridade!
Fava, respeite o passado,
deixe em paz a antiguidade;
não ofenda quem está morto,
cante com mais lealdade.

F: — Eu tenho capacidade
— cada um dá o que tem.
Falo e sustento o que digo,
canto como me convem;
não me assombra em cantoria
nem Baiacu, nem ninguém.

B: — João Fava, não fica bem
falar mal de quem morreu.
Além de ser covardia
é tempo que se perdeu...
Você deve corrigir-se
desse mau costume seu.

F: — João Fava quando nasceu
foi para fazer figura:
dar surra em cabra safado
assim da sua estatura...
Baiacu, inche a barriga
que comigo a cana é dura.

B: — A sua descompostura
só com rabo de tatu...
Meta-se a besta, que prova
da força de Baiacu.
Sua carniça, João Fava,
dá nojo até pra urubú.

F: — O povo de Tamhaú
vai ter hoje a ocasião
de ver Baiacu chiando
de baixo do cinturão...
Morre da surra e eu esfólo
e jogo pro tubarão.

B: — Eu pego este valentão,
dou-lhe uma pisa de urtiga:
nunca mais que o desgraçado
bota fava na barriga...
Quem vê-lo, diz: — Te esconjuro!
Sai-te, praga! Dou-te figa!

F: -- Filho da mãe da Intriga,
peste ruim de percevejo,
— só come planta do mangue
com pirão de carangueijo:
não tem força pra aguentar
o rojão de um sertanejo.

B: — Cara de coalha de queijo,
catinga de guaxinim;
morto de fome da sêca
e praga de pixilim.
Quando esse amarelo fala
só se escuta coisa ruim.

F: — Vejam quem fala de mim:
este cabloco da práia...
Baiaçu, tome cuidado
que no seu salto não caia,
— se cair, dou-lhe uma sóva,
e apanhando, toma vaia.

B: — Homem, me arranjem uma saia
prá vestir neste danado:
quero ensinar esse cabra
a não ser tão malcriado
— parece uma sogra velha
falando pra todo lado.

F: — Baiaçu, fique avisado
que eu mudo a improvisação.
Vamos glosar em dez-pés,
deixe a sextilha de mão.
Defenda o seu litoral
porque eu só louvo o sertão.

Convidado por João Fava
que o seu ritmo mudou,
foi esta a primeira décima
que o praeiro improvisou:

B: — Se você prefere, então,
vamos mudar o sistema,
que eu, pra fazer ^{meu} poema
canto em qualquer posição.
Deus me livre do sertão
onde a sêca é de arrasar:
lá não se pode morar
— só se vê gente morrendo
e o povo de lá correndo...
Eu prefiro a beira-mar.

F: — Não é pra se admirar
se Baiaçu se arreceia!
tem medo da coisa feia
paga logo a se espantar...
Mas, quando o inverno chegar
vá lá ver que farturão
de milho, arroz e feijão,
girimum e macacheira.
Eu sustento a vida inteira:
— vida boa é a do sertão.

B: — Não se conta a multidão
de pessoas flageladas
fugindo pelas estradas
que vêm do alto sertão.
Parece uma procissão
que não quer mais terminar:
só se vê gente chegar
— muitos morrem no caminho,
Porisso, meu amiguinho,
eu prefiro a beira-mar.

F: — O sertão, meu camarada,
não é prá cabra mofino
— e o matuto nordestino
não se arreceia de nada.
Deixa a sua terra amada
só porque tem precisão,
porém, o seu coração
toda a vida sempre diz:
vou voltar pro meu país
— vida boa é a do sertão.

B: — É uma calamidade
como não tem outra igual:
foge todo o pessoal
do sertão para a cidade.
Da seca a severidade
ninguém pode suportar;
a terra pra se plantar
só pertence ao fazendeiro
— é só pra quem tem dinheiro!
Eu prefiro a beira-mar.

F: — Praeiro mora na areia
numa casinha de palha:
todos os dias trabalha
e ás vezes não faz pra ceia.
Se traz a barriga cheia
é batacu com pirão...
Bota a rede de arrastão
e ás vezes só traz sargaço...
Eu não quero esse embaraço
— vida boa é a do sertão.

B: — Camponês mora na roça
trabalhando em terra alheia:
só vive plantando à meia...
Sua casa é uma palhoça.
Muitas vezes nem almoça
por não ter o que almoçar...
Se o patrão ambicionar
toma tudo o que plantou!
Eu não, que nessa não vou...
— Prefiro a beira do mar.

F: — Ninguém pode descrever
a vida de um pescador:
só vive sofrendo horror
e é de mais seu padecer...
Antes do dia nascer
lá se vai com a embarcação
na luta do ganha-pão.
Muitos vão e não vem mais...
Eu quero viver em paz
— vida boa é a do sertão.

B: — O camponês é um escravo
do senhor dono da terra...
Pra todo canto ele erra
e a sua vida eu não gavo.
Só come assucar mascavo
que o bom não pode comprar.
Só vive nesse penar
no meio do sertão rude
— sem instrução, sem saúde.
Eu prefiro a beira-mar.

F: — Eu conheci um praeiro
da Praia de Jacaré
que tinha bicho-de-pé
nas mãos e no corpo inteiro...
Esse pobre companheiro
era um completo aleijão;
vivia implorando o pão
a todos, por caridade!
Afirmo que, na verdade,
vida bôa é a do sertão.

B: — Sofre tanto o camponês
nas unhas de seu patrão
que ás vezes um "Lampeão"
cai nò cangaço de vez...
João Fava, eu sei que vocês
não podem mais suportar:
por mais que tentem negar
— acabam se revoltando.
O sertão está se acabando
e eu prefiro a beira-mar.

F: — Qual pode ser o futuro
de um pescador de jangada?...
Luta e não arranja nada,
O seu destino é bem duro.
Nunca bebe leite puro
e nem come requieijão;
só vive de pés no chão
Comendo seu peixe inosso
Em Cabedelo ou no Pôço...
— Vida bôa é a do sertão.

B: — Camponês come é farinha
seca e carne de jabá...
E como a dele não há
sorte mais negra e mesquinha.
Não come Xaréu, Tainha
por não ter onde arranjar;
não sabe do paladar
da Cavala e do Bonito
— por isso, eu digo e repito
que prefiro a beira-mar.

F: — Colega, está convidado
pra mudar sua toada
e enveredar noutra estrada
se estiver capacitado.
No "martelo agalopado"
ou queia ver seu rojão.
Se tiver disposição
fuça logo o seu repente.
Mas saiba que, finalmente,
vida bôa é a do sertão.

B: — Pra cantar um martelo com você não preciso de me aperfeiçoar, pois, conheço os “sistemas” de cantar quem me ouve cantando isso já vê. Porém nisso, colega, tem um que — eu não sou cantador de profissão, mas, pra fazer uma improvisação já nasci com a “veia predileta”. Você hoje pegou-se com um poeta e, se quer, vou lhe dar uma lição.

F: — É preciso, colega, eu lhe explicar: pra cantar desafio sou formado — tanto canto o martelo agalopado como canto o “galope beira-mar”. A “sextilha” para se improvisar entre todas tem a predileção. Cantador que não sai para um “mourão” perde a linha e no fim leva cacete. Mas, faz gosto escutar-se um “gabinete”, e se ouvir “oito linhas em quadrão”.

B: — Tem o “côco”, o “pagode” e a “embolada”, o “quadrão embalado” e a “carretilha”. Pra fazer louvação, canto a sextilha, mas, não canto sextilha decorada. A viola estando bem afinada corro os dedos nas cordas do bordão, faço as notas tocando o meu baião prá mostrar ao colega a minha “escola”. É de dever do cantador de viola dar de tudo uma boa explicação.

F: — Eu cantando sou força de cem braços, sou trovão de janeiro em disparada, — cantador que eu pegar, quebro-lhe a ossada, corto a carne e retalho em mil pedaços. E depois toco fogo nos bagaços, deixo em cinzas o pobre desgraçado. Baiacu, você já está condenado o não tem petição que lhe dê geito — lnda um santo pedindo eu não aceito: vou matá-lo em martelo agalopado.

B: — Minha gente venha ver “seu” João Fava como aqui quer passar por valentão... Mas já soube que lá no seu sertão ele até dos meninos apanhava. Era triste a existência que levava trabalhando na terra “de alugado”... De lá veio fugindo flagelado a sofrer toda especie de desgraça. E ele pensa que contando arruaça me derruba em martelo agalopado.

F: — Hoje eu provo a “seu” Juca Baiacu que sou rei soberano no martelo, se eu pegá-lo de geito, o esfarelo, sou pior do que a onça cangussú. Pois eu tenho coragem de zebê e pra luta estou aperfeiçoado. Baiacu, você hoje foi pescado: vá inchando que eu vou metendo o couro — você vai me pagar o desafio no rojão do martelo agalopado.

B: — “Seu” João Fava, comigo a coisa é feia!
você não põe a mão em Baiacu
— escorrego pior do que mussú,
se eu quizer, cresço mais do que baleia.
Não me zangue, se não meto-lhe a peia
e é serviço eu estando aperrado:
incendio com bomba o seu roçado,
nunca mais nasce fava nem feijão,
queimo a casa e degolo a criação:
— não lhe temo em martelo agalopado.

F: — Eu querendo, preparo um tal veneno
que só mesmo eu consigo preparar,
jogo nagua e não pode se salvar
desde o peixe maior ao mais pequeno.
Baiacu, hoje aqui eu lhe condeno
a lavar os meus pés com bem cuidado,
a pedir-me perdão ajoelhado,
a chamar-me: papai; tomar benção;
pois, me trate com mais educação
— que eu sou mestre em martelo agalopado

B: — Quando grilo der surra em elefante,
carangueijo correr mais que toninha;
uma águia apanhar de uma galinha
e amarrar-se baleia com barbante:
nesse dia talvez que você cante
sem receio de que seja vaiado.
Dobre a lingua, moleque malcriado
pois se não sofre até tomar juízo
— pego fava esmigalho, torro e piso
e lhe acabo em martelo agalopado.

F: — Baiacu caiu hoje em meu anzól
e eu lhe arranco espinho por espinho
depois faço do resto um picadinho
e lhe enrólo que nem um caracol.
Salgo e boto para secar no sol
— só pro povo dizer que eu sou malvado.
Mesmo eu já me acho acostumado
a exemplar cantador sem competencia
pra que saiba que Fava tem ciencia
e é doutor em martelo agalopado.

B: — Onde vem esse Fava sem tempero
que pretende ser tudo em cantoria?
Não demora se acaba a valentia
e ele entra a chorar em desespero.
De leão, vai passar a ser cordeiro,
vai correr muito mais do que um veado
— só com medo do meu peso-pesado...
Se é que pode queira me acompanhar
pra cantar um “galope beira-mar”,
terminando o “martelo agalopado”!

F: — Eu aceito, colega, o seu convite
e a toada você pode mudar
pra cantar-se o galope beira-mar.
Quanto mais canto, mais tenho apetite.
E se eu der-lhe de peia, então, não grite,
pois, gritando, só fica avacalhado.
Vá seguindo, que eu sigo do seu lado.
Se correr, meu amigo, eu também corro.
— só tem que, você morrendo, eu não morro
Mas, lhe mato em martelo agalopado.

B: -- João Fava, portanto, eu mudo
essa nossa cantoria:
é no livro o estudo e no mar, maresia,
é no mar, maresia, e no livro o estudo.
É Cará, Carapeba, Baiacu, Balbudo
que eu pego de rede e que vêm de arrastar.
Ainda posso pescar
quando boto o arrastão:
Camurim, Pescada, Tainha e Agulhão
— são peixes que pego na beira do mar.

F: -- Eu planto lavoura e toco viola,
canto de viola e planto lavoura:
é a escola, é o aluno e é a professora,
é a professora, é o aluno e a escola.
O prazer que me consola
é na viola cantar.
Feijão, mandioca, milho e arroz plantar,
plantar arroz, milho, mandioca, feijão
no tempo de inverno, lá no meu sertão
que ficá distante da beira do mar.

B: -- Pego Boca Mole, Agulha e Camarão:
siri não é peixe, mas na rede vem
— e mais outros tipos de peixes que tem
que eu pego na rede se boto o arrastão.
Cavala, Bonito, Dourado — esses são
os peixes de corso que eu posso pegar.
Ainda vou encontrar
o Golo, Abarcora, Arabaiana e Serra:
são peixes que eu pescó distante da terra
correndo a jangada no alto do mar.

F: -- Eu planto batata, fava e macacheira
Inhame e cará, trigo e gergilim,
banana e laranja, manga, aiendoin.
o abacaxi e toda fruteira.
Nesta terra brasileira
minha vida é só plantar
— é cara de assucar, café pra exportar:
legumes, verduras pra alimentação,
sou eu quem produzo cultivando o chão
na terra dos outros, distante do mar.

B: -- De arrasto ou de jangadinha
quando a maré não me engana:
eu pescó Cambuba, Biquara, Ubarana
Budão Batata, Jurleu e Sardinha.
O bagre, também, que pego de linha,
e o Saramunete, inda quero pescar.
Xira, Mariquita, não posso deixar.
Tem Salgo e Sapé e tem o Dourminhoco
— eu como ensopado no leite de côco
e são peixes que pego na beira do mar.

F: -- Planto mandioca pra fazer farinha,
pra fazer farinha planto mandioca.
É o corte, é a queima, a coivara e a soca:
é a enxada, o machado, o facão, machadinha.
É a jaca, a mangaba, o abacate, e a pinha
— são frutas que eu trago pra negociar.
É o ananás inda quero plantar:
castanha, sapota, sapoti, mamão;
tem a melancia e tem o fruta-pão
— são frutas que trago pra beira do mar.

B: — Eu saio no mar com a minha jangada e descendo a amarra, paro a embarcação pra pescar Sioba, Cangulo, Dentão e os peixes que eu pego só de fundeada. Como a Garoupa, muito apreciada, quem prova deseja de novo provar. E o Sirigado inda posso citar; Pira, Pirauna; o Salgo é bom peixe: pescando no fundo, não tem um que eu deixe — trago na jangada pra beira do mar.

F: — Eu faço do milho fubá e xerém do milho eu fabrico xerém e fubá; cuscus e pamonha, angú, manguzá, canjica e mais outras comidas que tem. Girimum, quiabo — eu planto também: plantas de hortaliça e plantas de pomar. Primeiro derrubo prá depois queimar. Com a minha enxada, que é o meu fuzil eu faço a riqueza do nosso Brasil plantando a lavoura distante do mar.

B: — De jangada ainda se apanha no “curral” pela manhã. Xareu, Garajuba, Pampo e Curimã, Arrua, Bicuda, Galinha e Caranha. Tem a Tartaruga que se tira a banha que algumas doenças serve pra curar. Mas antes, colega, de a lista encerrar em mais alguns peixes falar inda quero: na Enxova, na Espada, no Cação, no Mero que no curral pescos lá dentro do mar.

F: — É, gariroba, é pimenta, cebola, couve, coentro. No ar e na terra, de banda e no centro. Na boca, na lingua, no olho e na venta. É pão, é bolacha, passoca, e polenta. Castanha; pitomba que é bom de chupar. O solo primeiro precisa-se arar somente no tempo se faz o plantio. Mas perde-se tudo se o tempo é de estio, se a chuva não chega pra gente salvar.

B: — Macaça, Bama, Paru, Voador, Budião-tucano e o Garacapé; Cangulo, Xixarro, mais o Saberé e o Beljo-Pira que tem muito valor. O cabra bom pescador não pode desanimar, — de toda maneira tem que se arranjar com o Carapicu e o Garacimbora; Linguado, Coró Amarelo, — é na hora, trazemos pra terra, de dentro do mar.

F: — Agora, colega, mudar eu desejo pra outro sistema prosseguir, então. Deixando o “galope”, passo pro “quadrão” mostrando pro povo o ritmo sertanejo. E pelo jeito que vejo tu não vais me acompanhar. Está chegando a hora da coisa estourar... O tempo, colega, está ficando feio — no fim, no começo, dum lado, no meio parei o galope na beira do mar.

B: -- Topo a modificação,
na forma do improviso,
mas antes, colega, ainda preciso
de mais alguns peixes fazer citação.
Baleia, Espadarte, Foca, Tubarão
são bichos que vagam preferem morrer.
O polvo, a lagosta, podemos pescar
nas pedras — e ainda tem o lagostim.
Aqui, "seu" João Fava, termino por fim
O nosso galope na beira do mar.

Terminado o "beira-mar"
debaixo de aclamação
do povo, os dois cantadores
se pegam no "quadrão".

F: — No quadrão sou professor
dou quibau em cantador.
Balaçu, hoje o senhor
perde o uso da razão,
vai morrer do coração
na hora que eu lhe apertar
— não ganhei no beira-mar
mas vou ganhar no quadrão.

B: — João Fava, se você quer
eu respondo o que disser
— venha lá como vier
que eu aguento o seu rojão.
Mas, se perder na questão,
dá a mão à palmatória:
que eu vou levar a vitória
é cantando oito em quadrão.

F: — Balaçu, tome cuidado
que estou ficando danado
— vou deixá-lo esmolimbado
com uma surra de facão.
Sou professor no sertão
nesse assunto cantoria.
Você perde na porfia
é cantando oito em quadrão.

B: — Ô que mentira medonha
deste cabra sem-vergonha,
cara mole de pamonha,
olho de gato ladrão;
deixe de malcriação,
me trate com mais respeito
que eu sou cantador perfeito
em oito linhas de quadrão.

F: — Balaçu, eu lhe previno
que vou lhe dar um ensino
pra deixar de ser cretino,
tratar com mais atenção.
Filho enfeitado do Cão,
você morre no meu tombo:
meto-lhe a peia no lombo
em oito linhas de quadrão.

B: — Sai daqui, cantador bruto,
amallabêto, matuto,
vai comer teu sebo,
na caatinga e no sertão.
Abandona a profissão
que tu não sabes cantar.
Eu prefiro a beira-mar
— cantando oito em quadrão.

F: — Eaiacu, não adianta,
se eu pegá-lo na garganta,
que nunca mais você canta
— só vive com rouquidão.
Vida boa é a do sertão,
não me caso de afirmar:
Diabos levem a beira-mar,
digo, cantando quadrão.

B: — Eu pegando este atrevido,
meto a mão no pé do ouvido,
faço perder o sentido
— nunca mais come feijão.
Fava, volte pro sertão,
vá dar lucro ao fazendeiro.
Prefiro ser jangadeiro,
digo, cantando quadrão.

F: — Vai-te, cabeça de côco
que eu já estou ficando mouco
com esse teu cantar rotico
— parece o bicho-papão.
Se me zangar, meto a mão,
ficas pior que rebolo...
Baiaçu, não sejas tolo
e aprende a cantar quadrão.

B: — Fava, eu ficando violento,
corro mais que o pensamento,
sou mais veloz do que vento,
sou pior que o furacão:
me viro num tubarão,
te devoro num segundo
— cala a tua boca, infundo,
e aprende a cantar quadrão.

F: — Eu me zangando: o sól treme,
cresce o mar, a terra geme,
arranco-te a vela e o leme
— naufrago-te a embarcação.
Entrego tua alma ao Cão,
pra te escaldar na fogueira.
E não conheço barreira
que eu não salte no quadrão.

B: — João Fava não canta, berra.
E eu dando um grito na terra
de um pulo atravesso a serra
mais alta do seu sertão.
Queimo toda a plantação
pior do que seca braba:
comigo você se acaba
em oito linhas de quadrão.

F: — Balacu não canta ... chã!
Não me vence em cantoria.
Lá vem a barra do dia
e ninguém ganha a questão.
Se você deseja, então,
proseguimos a disputa.
Vamos decidir a luta
mudando os "oito em quadrão".

B: — Fava, eu concordo consigo...
Mas veja bem, meu amigo,
que eu não corro do perigo
— continuo a discussão.
Cantemos, pois, na "mourão"
pra ver quem leva vantagem.
Todos dois temos coragem
para topar num "quadrão".

F: -- Vida boa é a do sertão
— para lá vou regressar...

B: -- Eu prefiro a beira-mar
— e por aqui fico, então.

F: -- Fique pescando, colega,
e veja se um dia pega
sereia de arrastão.

B: -- Fava, vá plantar batata
nas terras do fazendeiro...

F: — Sofre a mesma sorte ingrata
o camponês e o praeiro.

B: — É dura a vida do pobre:
está tão difícil 'o cobre'!

— e só gosa quem tem dinheiro.

Parou João Fava o mourão
Não tocou mais nem cantou.

Baiacu também parou:

Acabou-se a discussão.

Pela distinta atenção

Tenho só que agradecer.

Ilustre, se quiser lêr

Só paga o preço marcado.

Tive um trabalho danado:

Acho justo receber

— FIM. —

A SAIR, do mesmo autor:

— Zé Bico Dôce, o "rei do roubo"

— A viagem que o Diabo engeitou

— O disco voador

— ABC do Amor

S. N. R.